

# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremona

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Chave de compreensão da história: cultura & identidades

**Diagramação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C512 Chave de compreensão da história: cultura & identidades / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-747-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.472210312>

1. História. 2. Cultura. 3. Identidades. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Ainda que sem nos darmos conta, estamos, cotidianamente, refletindo acerca da sociedade em que vivemos. Cada vez que nos questionamos: “como isso foi possível?” ao nos surpreendermos com uma notícia estampada na rede, estamos pensando sobre os rumos que a sociedade está tomando, portanto, nos questionando e refletindo sobre a sociedade que vivemos. A cultura, como um produto social, tem, certamente, um grande impacto em nossa compreensão como sujeito, portanto, entrelaçar historicamente essas duas discussões, qualifica essas reflexões de forma incontestável.

Ao pensar historicamente uma questão central é como a cultura é essencial aos indivíduos para refletirem sobre suas ações no tempo e a construção de identidades tão diversas. Neste sentido, pensar em história requer pensar em cultura, justamente porque ao estudar a multiplicidade deste conceito desvendaremos as questões inseridas em nosso dia a dia com o objetivo de possibilitar melhor compreensão de todos os fenômenos que estão imersos no cotidiano e impactam em nosso posicionamento no mundo.

Neste momento, em que presenciamos discussões cada vez mais acirradas sobre as identidades, é importante retomarmos os ensinamentos que nos foram legados pelo antropólogo Clifford Geertz de que a cultura é um “sistema simbólico”, uma teia de significados que carrega mecanismos de controle para governar o comportamento. É construída a partir de valores e crenças, de códigos morais e hábitos que são socialmente erigidos, transmitidos, aprendidos por meio de signos e símbolos. Ela contribui para regular e padronizar atitudes e emoções, contribui, historicamente, para a elaboração de identidades.

Este e-book é sem dúvida, um convite a reconhecer no “outro”, naquele que a princípio enxergamos através de pré-conceitos e pré-julgamentos, alguém com quem podemos potencialmente aprender, com quem podemos nos modificar e que também podemos transformar.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

AS REFORMAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Vanderlise Ines Prigol Reginato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103121>

### **CAPÍTULO 2..... 14**

HISTÓRIA DA DISCIPLINA HISTÓRIA NA ESCOLA BÁSICA: O ensino da história local

Ely Carlos Silva Santos

Clarice Nascimento de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103122>

### **CAPÍTULO 3..... 27**

HISTORIADORES EM ACERVOS: O FASCÍNIO E OS DESAFIOS DO TRABALHO NO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA

Luciana Cristina Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103123>

### **CAPÍTULO 4..... 38**

A ATUAÇÃO DOS EGRESSOS DA ESCOLA DO RECIFE NO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Eduardo Albuquerque Rodrigues Diniz

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103124>

### **CAPÍTULO 5..... 53**

AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS AO PROCESSO EDUCATIVO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Luzia Alves da Silva

Paulo Miranda da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103125>

### **CAPÍTULO 6..... 64**

UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL DA ESCOLA MUNICIPAL EUGENIA ANNA DOS SANTOS: NARRATIVAS E SABERES DO CANDOMBLÉ NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Silene Ferreira Claro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103126>

### **CAPÍTULO 7..... 80**

O PASSADO E A HISTÓRIA DIFÍCIL PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

Adriane de Quadros Sobanski

Rita de Cássia Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103127>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>99</b>
SANTOS - MUITO MAIS QUE UMA CIDADE LITORÂNEA: UMA CIDADE HISTÓRICA!	
Mara Cristina Gonçalves da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103128">https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103128</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>114</b>
OS PRINCIPAIS RITUAIS DO TRADICIONAL CASAMENTO UCRANIANO NA CIDADE DE ANTÔNIO OLINTO (1950 - 1980)	
Jéssica Paula Kaczyk Cuba	
Denise Pereira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103129">https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103129</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>133</b>
INTELECTUAIS REGIONAIS E HISTÓRIA INTELECTUAL: INDAGAÇÕES SOBRE USOS, PROBLEMAS E POSSIBILIDADES	
Erivan Cassiano Karvat	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031210">https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031210</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>145</b>
HISTÓRIA ORAL NA HISTORIOGRAFIA ALAGOANA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA	
Josilene Melo Paulino	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031211">https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031211</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>155</b>
“SUBIR O MORRO PARA DEPOIS DESCER”: MISÉRIA E SUCESSO DOS SAMBISTAS CARIOCAS NAS CRÔNICAS DE JOTA EFEGÊ	
Camila Medina Zanão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031212">https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031212</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>168</b>
CULTURA MATERIAL E CONSUMO ALIMENTAR NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA (1904-1914)	
Jadir Peçanha Rostoldo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031213">https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031213</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>177</b>
BIBLIOTECA JOSÉ BAYOLO PACHECO DE AMORIM - UM BREVE OLHAR SOBRE AS MARCAS-DE-ÁGUA DE DOCUMENTOS IMPRESSOS EM PORTUGAL (SÉC. XVI-XVIII)	
Paula Alexandra Da Costa Leite Pinto Pereira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031214">https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031214</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>201</b>
BRIGITTE E MARQUESA: SUBJETIVIDADES, TRAVESTILIDADES, AMIZADE E LOUCURA (1950-1960)	
Paulo Vitor Guedes de Souza	

<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>216</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>217</b>

# CAPÍTULO 15

## BRIGITTE E MARQUESA: SUBJETIVIDADES, TRAVESTILIDADES, AMIZADE E LOUCURA (1950-1960)

Data de aceite: 01/12/2021

Data de submissão: 07/10/2021

**Paulo Vitor Guedes de Souza**

Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR/UFRRJ) e Bolsista Nota 10 pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Graduado em Licenciatura em História pelo ICHS/UFRRJ.

Rio de Janeiro - RJ

<http://lattes.cnpq.br/5311547881575848>

**RESUMO:** Este artigo busca refletir sobre processos de subjetivação e constituição subjetiva de duas personagens que viveram na cidade do Rio de Janeiro durante as décadas de 1950 e 1960, essas são Brigitte de Búzios e Marquesa. Ambas possuem trajetórias parecidas, porém grandes diferenças na forma de se perceber e constituir suas subjetividades a partir de uma noção de “anormal” construída pela imprensa e por parte da psiquiatria que entendia comportamentos masculinos afeminados como passivos de tratamento e cura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Travestis; Subjetividades;

Anormalidade.

**BRIGITTE AND MARQUESA: SUBJECTIVITIES, TRAVESTILITIES; FRIENDSHIP AND MADNESS (1950-1960)**

**ABSTRACT:** This article seeks to reflect on the processes of subjectivation and subjective constitution of two characters who lived in the city of Rio de Janeiro during the 1950s and 1960s, these are Brigitte de Búzios and Marquesa. Both have similar trajectories, but great differences in the way of perceiving and constituting their subjectivities based on a notion of “abnormal” constructed by the press and by psychiatry, which understood effeminate male behaviors as passive to treatment and cure.

**KEYWORDS:** Transvestites; Subjectivities; Abnormality.

Neste artigo, irei trabalhar com dois eixos documentais, um primeiro que se liga ao discurso que a imprensa reproduziu em determinado período a respeito da travestilidade<sup>1</sup> como anormal e, um segundo eixo, que me permitiu perceber como as personagens aqui analisadas percebem essa noção que as ligam a uma certa anormalidade e loucura. Assim, irei apresentar no decorrer do texto depoimentos de duas

1 A “travestilidade” no Brasil é definida pelos pesquisadores como tudo aquilo que forja o chamado “universo travesti”. Esses pesquisadores buscam definir e classificar o que seria uma cultura/identidade travesti. Historicamente, o sujeito travesti foi pensado como parte de um grupo maior, o das “homossexualidades”, esse último constituído por um número maior de indivíduos. Sobre tudo a partir das duas últimas décadas, eles passaram a fazer parte de outro grupo, o dos “transgêneros”. De acordo com a bibliografia, ao longo do século XX, existiam várias possibilidades de nomear esse universo, como “travestismo”, “travestimento”, “travestitismo”. Nessa pesquisa, trabalharei com a noção de “travestilidade”. Levo em consideração, que o termo “travestilidade” está em oposição ao “travestismo”, sendo o primeiro responsável por contemplar diferentes formas do ser travesti, e o segundo um termo patologizante da categoria. Ver, a respeito: LOPES, Fábio Henrique: Travestilidades e ditadura civil-militar.: Apontamentos de uma pesquisa. *Revista Esboços*, v. 23, n. 35, p. 145-167, set. 2016.

personagens que foram internadas no final dos anos 1950 e início de 1960 no Sanatório Botafogo<sup>2</sup>. Destaco Marquesa e Brigitte de Búzios, duas travestis conhecidas como sendo da “primeira geração”<sup>3</sup> da cidade do Rio de Janeiro.

Em meio as fontes que pude encontrar por meio da imprensa, apresento um episódio conhecido e nomeado pela mesma como “As bodas do diabo”, esse considerado pelos veículos de comunicação da época um dos acontecimentos mais anormais e talvez, “a solenidade mais espantosa do século”. Essa fonte está disponível no livro *Frescos Trópicos*, organizado por James Green e Ronald Palito.

Assim, destaco o episódio que considero muito interessante para pensar a ideia de anormalidade atribuída a travestilidade/homossexualidade durante décadas anteriores, com destaque para a década de 1960. Assim James Green e Ronald Palito destacam:

#### O PRIMEIRO CASAMENTO DE HOMOSSEXUAIS NO BRASIL

Em 22 de dezembro de 1962, a revista *Fatos & Fotos* noticiava o primeiro casamento entre dois homens no país. A matéria intitulada “As bodas do diabo”, foi redigida pelos repórteres João Luiz de Albuquerque e Orlando Rafiano que, segundo a revista, presenciaram em Copacabana “a solenidade mais espantosa do século”. O texto publicado, ainda que preconceituoso, não deixa de registrar toda irreverência do evento;<sup>4</sup>

Em meio ao que foi exposto acima, segue abaixo o texto original publicado pela revista *Fatos & Fotos*:

Para muitos foi o casamento do século. A noiva, com seus 17 anos e seu vestido importado de Paris, estava radiante de felicidade. Apenas vinte convidados presentes à cerimônia e cinquenta na recepção. Às cinco da madrugada na Barra da Tijuca, no Rio, a senhorita Marquesa e o sr. Craveiro transformaram-se no casal Sodrê. Vinte e quatro horas mais tarde, numa boate em Copacabana, o novo par recebeu os amigos para um coquetel. Em tudo aquilo, no entanto, algo de estranho. No convite havia uma alternativa para o traje obrigatório: travesti ou convencional.

O que ocorreu na madrugada de 10 de dezembro, em Copacabana, foi apenas o casamento de um homem com outro homem. O que há de mais lamentável em tudo isso e que, no bairro mais famoso da cidade, tenha a degenerescência atingido um tal ponto que um fato desta ordem não tenha espantado os que, como as autoridades, souberam com tanta antecedência da caricatura grotesca de um dos atos mais sérios de todo o mundo - o casamento.

---

2 Uma casa de tratamento para doentes mentais localizada na Rua Álvaro Ramos, antigo número 177, atual número 405, no bairro de Botafogo na cidade do Rio de Janeiro, um dos bairros centrais da Zona Sul carioca, região conhecida por abrigar residências da classe alta e média de cidade.

3 De acordo com Fábio Henrique Lopes, geração não se refere exclusivamente à faixa etária ou aos grupos de idade, apesar de a maior parte delas ter nascido na década de 1940. O uso dessa categoria é ampliado para outros modos de periodizar a vida, focalizando formas de sociabilidade, de organização social, de redes de amizade e de afeto, de produção de subjetividades. As integrantes da chamada “primeira geração” investem, buscam e experimentam um conjunto de mudanças e intervenções corporais e subjetivas já na década de 1960, forjando outras possibilidades de subjetivação. Ver, a respeito: LOPES, Fábio Henrique. Subjetividades travestis no Rio de Janeiro, início da década de 1960. *Aloma Divina. Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, n. 14, dez. 2018.

4 GREEN, James; PALITO, Ronald. *Frescos Trópicos*: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro; José Olympio, 2006, p. 59.

Por volta de uma hora da manhã os convidados começaram a chegar. Em meio à confusão, ninguém mais sabia o sexo das pessoas. E as dúvidas pairavam no ar quando descia uma pessoa de um automóvel num caríssimo Dior, brinco nas orelhas, joias pelo corpo. Lá dentro esperava-se pela noiva.

Craveiro Sodré mostrava-se inquieto com o atraso da marquesa.

- Será que ela mudou de idéia e fugiu com outro?

A verdade é que nada menos que cinco costureiras tiveram que, às pressas, nos últimos instantes, rever o vestido da noiva que chegara de Paris. Daí o atraso.

Ao som da Marcha Nupcial, a Marquesa deu entrada solene, às duas da manhã. E já chegou chorando. Uma amiga a consolou.

- não se preocupe amor. Chorar faz bem e eu também chorei no dia do meu casamento.

A pedido dos noivos, nada de “twist” ou música dançável. Apenas Mozart, Bach, Haydn e Vivaldi. O “buffet” foi servido às cinco da manhã: Caviar Fresh, Malossol, Lagosta Montada à Parisiense, Virgine Ham, Strogonoff de galinha, Picadinho, Frutas do país, licores, café, vinhos, uísque e champanha.

Na hora de cortar o bolo, a Marquesa chorou outra vez.

- Estou triste porque mamãezinha não pode vir. Mas foi melhor assim. Ela não entenderia.

À saída para a lua de mel, com latas amarradas atrás do carro, o casal despediu-se dos amigos. Marquesa, a um canto, ouvia os conselhos de algumas colegas mais velhas e já casadas. E partiram com duas lambretas à frente, abrindo caminho, à guisa de batedores.

A menos de 2 Km do Distrito Policial. Em Copacabana, alheios aos princípios morais e ao código Penal, dois homens decidiram afrontar as leis do país e o conseguiram.<sup>5</sup>

Para além dos acontecimentos da noite, é muito interessante notar como os repórteres noticiam o acontecimento, como sendo uma “caricatura grotesca de um dos atos mais sérios de todo o mundo – o casamento.” Dessa forma, pode-se visualizar como era atribuída a noção de anormal, repulsiva e abjeta através da ideia e concretização de um casamento entre dois “homens”, com um fazendo o papel do “noivo” e o outro da “noiva”. É possível notar papéis que recriam uma noção cisheterocentrada<sup>6</sup>.

De acordo com “Eduardo Gonçalves, que durante quarenta anos e dono do bar La Cueva, em Copacabana, era parceiro, apenas de negócios do Alfredo, ele fez o seguinte depoimento sobre o evento.”<sup>7</sup>

5 Ibidem, p. 60-61.

6 Seria a reprodução de um padrão binário e heterossexual de gênero colocado ao centro. De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus, “chamamos de cisgênero, ou de ‘cis’, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento.”, Ver a respeito em: Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Brasília, 2012, p. 10. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%80NERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 05 de Setembro de 2020.

7 GREEN, James; PALITO, Ronald, op. cit. 61.

A idéia do evento foi do Alfredo, Alfredão, tinha um barzinho, um botequim mesmo, lá no Lido e resolveu fazer uma reforma e fazer um bar gay lá. Tinha umas ideias avançadíssimas. Ele resolveu promover um casamento gay. Foi um sucesso. Tinha colunista social. Tinha gente da sociedade. Tinha um vestido de noiva, o outro de fraque. Tudo como um casamento mesmo. Saiu na *Fatos & Fotos*... O dia que a revista saiu, dois dias depois a casa fechou. A polícia fechou a casa e no Lido não abriu mais. A pessoa tinha medo de trabalhar em bar gay porque a polícia fechava bar gay. Parecia que era pecado a pessoa ser gay. Então eles chegaram e viram o bar funcionando com gays e fecharam.<sup>8</sup>

De acordo com o depoimento de Eduardo Gonçalves, é possível notar certa noção de abjeção e anormalidade o universo que se situa o campo das travestilidades causava em determinado período, comparando tal comportamento a um pecado.

Complementando essa primeira fonte, destaco uma segunda reportagem de alguns dias depois ao ocorrido publicada no dia 20 de dezembro de 2020<sup>9</sup> no jornal Última Hora, porém publicado antes da reportagem da revista *Fatos & Fotos*. Apesar da publicação da revista ser posterior a essa segunda que será apresentada, ela relata o dia em que ocorreu o casamento, dia 10 de dezembro de 1962, logo a matéria só saiu no dia 22 do mesmo mês e ano.

Essa segunda fonte relata o envolvimento da polícia com o que ficou conhecido como o “casamento de anormais”.

#### **Polícia Apura “Casamento Anormal”**

Cumprindo determinação do Chefe de Polícia o Delegado Armando Pano do 12º Distrito, instaurou inquérito para apurar se é verdadeira a notícia publicada por uma revista. Segundo a qual foi realizado no início do corrente mês, um “casamento de anormais”.

Ouvindo o popular “Alfredão”, dono do “inferninho” em que foi festejado o casamento, a Polícia descobriu que os “noivos” eram Abílio de tal, ex-empregado de “Alfredão”, e “Marquesa”, elemento muito popular nas rodas boêmias de Copacabana.

Apesar do sigilo que cercam as diligências, pois muitos “elementos importantes” – filhos de desembargadores, de oficiais do exército, comissários de Polícia e até o Delegado Luiz Noronha Filho – a reportagem descobriu que o casamento foi celebrado em um bar da Barra da Tijuca, propriedade de um tal Reynaldo.

Apurou-se ainda que os convidados na maioria anormais, fizeram três bacanais: uma durante o “casamento” na Barra, outra no bar de “Alfredão” e outra ao voltarem para o citado bar na Barra da Tijuca. Ontem, quando se iniciou o trabalho policial, o delegado Luiz Noronha esteve no 12º Distrito, mas não chegou a entrar porque viu os repórteres.<sup>10</sup>

---

8 *Ibidem*, p. 62.

9 Nessa reportagem é citada a publicação de uma revista, porém no livro *Frescos Trópicos* de James Green e Ronald Palito é citado que a publicação da revista *Fatos & Fotos* saiu apenas no dia 22 de dezembro de 1962, logo, talvez a revista citada nessa fonte seja alguma outra revista. No entanto, ambas as fontes vão de encontro por relatarem o mesmo acontecimento.

A leitura dessa segunda fonte ajuda a perceber o impulsionamento de um discurso ainda maior por parte da imprensa, a respeito do casamento como um comportamento anormal, o próprio título da matéria refere-se ao acontecimento dessa maneira. A estranheza foi tão grande que até mesmo a polícia foi investigar o acontecido. Na matéria, nota-se a classe social dos convidados que participaram da cerimônia, sendo citados entre esses, filhos de desembargadores, de oficiais de o exército, comissários de polícia e até mesmo um delegado. Todos referidos como indivíduos “anormais”. A reportagem nos leva a entender essa “anormalidade” como estando ligada a “desvios sexuais”, esses que não estavam alinhados a um comportamento cisheterocentrado, sendo possível ligar tal comportamento a perversão, em vista da própria reportagem relatar que os convidados participaram de três bacanais.

O casamento sem dúvidas impactou a sociedade mais tradicional e conservadora do Rio de Janeiro. Confirmando esse fato de acordo com a memória e depoimento já citado de Eduardo Gonçalves, que disse que a casa conhecida por “Alfredão” foi fechada pela polícia dois dias depois que a revista *Fatos & Fotos* foi publicada.

Agora, adentro em um segundo momento desse artigo em que busco apresentar duas personagens, uma delas, a principal protagonista das fontes já citadas, Marquesa.

## Marquesa

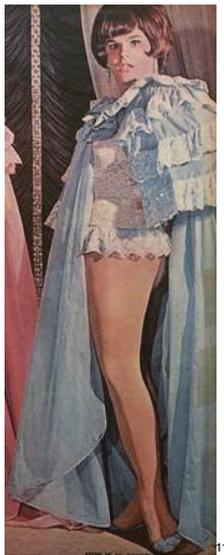


Figura 1 – Marquesa em 1965

*Revista Manchete* (RJ), edição 0670 (2)

---

10 *Jornal Última Hora*, 20 de Dezembro de 1962, p. 2, Coluna CidadeNua. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/85871>. Acesso em: 04 de Setembro de 2020.

11 *Revista Manchete* (RJ), edição 0670 (2), 1965, p. 57. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/61631>. Acesso em: 06 de Setembro de 2020.

Marquesa nasceu no dia 23 de fevereiro de 1945, foi uma importante figura da cena travesti/transformista<sup>12</sup> da cidade do Rio de Janeiro durante a década de 1960, estando essa cena ligada ao universo que é entendido por travestilidades. Nas palavras de Marquesa:

Marquesa: Eu tive uma infância maravilhosa, meus pais eram classe média alta, eu morei aqui na Avenida Atlântica com eles e tudo, e tive tudo o que eu podia ter pra ter uma educação primorosa. O sonho de mamãe é que eu fosse diplomata. Mamãe nunca aceitou isso. Nunca aceitou, e eu respeitava isso, eu não misturava com ela.

De acordo com o depoimento acima, pode ser visualizado que a família de Marquesa, em especial sua mãe nunca aceitou seu comportamento “anormal”, sendo o sonho da mesma que seu filho, fosse um diplomata.

Marquesa, criada em uma classe média alta de Copacabana, conta a seguir, como sua mãe descobriu seu comportamento desviante em meio ao episódio já mencionado acima. Em seus relatos:

Marquesa: Na época, uii, eu parei o Brasil, foi a maior vendagem de Fatos & Fotos. E eu fui saber disso por um repórter, foram cinco edições de Fatos & Fotos. Eu fiquei conhecido da noite pro dia no Brasil. A única boate gay que existia na época era o Alfredão. E o Alfredo queria. Que era metri do Fred's, queria fazer uma publicidade da discoteca, como discoteca gay. Ai ele virou assim pra mim, e disse assim:

Trechos da memória de Marquesa a respeito da conversa e do acontecimento:

Alfredo: Marquesa, eu vou fazer uma festa como nunca teve em Copacabana. Queria que você fosse a noiva.

Ai eu disse:

Marquesa: Ai, claro! Topo sim!

Ela continúa:

Marquesa: Quando se abriu a porta da boate, parecia festival de Cannes, eu nunca vi isso, mais de uma dezena de fotógrafos, tudo assim...

Fotógrafos na memória de Marquesa:

Fotógrafos: Ai, olha ai o viado! A Marquesa, não sei o que...

É evidente que os fotógrafos e a cobertura da imprensa no evento deu uma visibilidade muito grande ao fato ocorrido, sendo toda essa cobertura da imprensa proposital para a divulgação da boate. No entanto, ao mesmo tempo que divulgava a boate, divulgava Marquesa, até então sua família não sabia de nada.

Logo mais, Marquesa conta suas lembranças posteriores a respeito do fato ocorrido,

---

12 Segundo Jaqueline Gomes de Jesus, transformista é um termo antigo no Brasil para tratar os artistas transformistas, os que vivenciam a inversão do gênero como diversão, entretenimento e espetáculo. Já a categoria travesti, diferente da categoria transformista, define quem se constrói dentro de um dado feminino 24 horas por dia, 7 dias por semana, esse nomeado e interpelado como travesti. De acordo com Jesus, são travestis as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino. Ver, a respeito: JESUS, Jaqueline Gomes de. *Homofobia: Identificar e prevenir*. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

nesse caso, o “casamento de anormais”. Nas falas a seguir, a protagonista já citada, irá desenvolver os acontecimentos que se sucederam em sua vida. Será interessante perceber o discurso que se constrói a partir da imprensa ao entorno do comportamento entendido como “anormal”, discurso esse que forja um outro fato na vida de Marquesa, esse, que gira ao entorno da loucura. Sendo construído e estruturado por sua própria família, levando a mesma a ser internada em um sanatório. Nas palavras de Marquesa:

Marquesa: Eu, fui embora pra casa e tudo, escondi o vestido de baixo da minha cama pra mamãe não saber. Porque ninguém da família sabia isso. No dia seguinte, eu era cabeçario e primeira página de todos os jornais possíveis matinais. Com os dizeres mais diversos. Por exemplo, a *Luta Democrática* botou: Anormal deslavado casa em plena Copacabana nas barbas do distrito. Sai no repórter *Esso*, num programa de Dom Helder Câmara. Foi ai que a minha mãe viu, ela ficou louca... A minha irmã botou na cabeça da minha mãe de me internar num sanatório que eu tava maluca. Ai eu fui pra um sanatório, o sanatório Botafogo. Fui internada assim, sem saber.



Figura 2 – Sanatório Botafogo  
Acervo do Blog *Saudades do Rio*

Com o intuito de apresentar melhor o Sanatório Botafogo, irei destacar um trecho de uma matéria do jornal *Correio da Manhã* do ano de 1967 em que conta um pouco de seu histórico de fundação e o decorrer de sua ação em meio ao tratamento da loucura. Assim, destaco a matéria:

#### **Onde casas dão saúde aos mais ricos**

Por ser considerado o mais central dos bairros da Zona Sul, marcado pelo grande potencial econômico, Botafogo reúne um bom número de hospitais, tradicionalmente existentes a mais de vinte e cinco anos. Além dos dedicados à cirurgia geral, muitas são as maternidades e casas de saúde especializadas em doenças nervosas e cardiopatias.

São em sua maioria hospitais particulares, em que se gasta muito para uns poucos dias de recuperação. As casas gratuitas são poucas; Botafogo é um

13 *Saudades do Rio*. Disponível em: <http://saudadesdorioldoluizd.blogspot.com/2018/11/sanatorio-de-botafogo.html>. Acesso em: 22 de Setembro de 2020.

bairro essencialmente dedicado ao atendimento dos ricos.

## O MAL DO SÉCULO

Fundado inicialmente com o objetivo de abrigar toxicômanos, o Sanatório Botafogo dedica-se atualmente a cura de doenças nervosas, sendo a neurose o caso que se apresenta com mais frequência. Segundo a psiquiatra Gilda Camacho, a taxicomania tem diminuído sensivelmente na classe média, ao passo que o número de neuróticos aumenta cada vez mais, sendo a neurose atribuída ao sistema de vida que o indivíduo é obrigado a levar nos dias atuais, embora só venha afetar a pessoas que apresentam uma certa fragilidade psicológica. “Todos nós procuramos desesperadamente defender-nos da influência de fatores que possam trazer desequilíbrio psicológico, por exemplo, por intermédio de mecanismos interiores. A neurose surge justamente quando não há capacidade para isto”. Manifesta-se de diversas formas, geralmente na idade entre 18 e 30 anos, sendo o seu principal sintoma a insegurança do indivíduo apresenta em relação ao mundo que o cerca. O período de tratamento depende exclusivamente do paciente – o sanatório abriga doentes que lá se abrigam por anos seguidos, assim como alguns permanecem internados por menos de um mês, o que depende também do grau de enfermidade do doente, pois a ausência de tratamento especializado por muito tempo ocasiona a cronificação do quadro.

Tendo iniciado suas atividades em um casarão na rua Álvaro Ramos, em Botafogo, o Sanatório Botafogo constitui-se hoje em uma das clínicas melhores aparelhadas em seu gênero e tem trazido valiosa contribuição para os estudiosos brasileiros no ramo da psiquiatria e de doenças nervosas.<sup>14</sup>

De acordo com a reportagem acima, o Sanatório Botafogo era até então uma clínica para tratamento de doenças nervosas e mentais, sendo um centro de pesquisa e estudos no campo médico psiquiátrico voltado para o atendimento as classes mais ricas da sociedade carioca. Logo, nota-se o ambiente em que Marquesa se forja e se constitui, esse localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente no bairro de Copacabana, tendo morado na própria Avenida Atlântica, principal via do bairro, por estar localizada na orla e por mais que sua família a tivesse internado, ainda assim, ela não foi internada em qualquer clínica para tratar o que a imprensa nomeia e intitula como um “comportamento anormal” e sua família reconhece como “loucura”.

A clínica que foi utilizada para o internamento de Marquesa era uma clínica privada que tinha como objetivo atender pessoas com um poder aquisitivo elevado. Apontar e situar o lugar da clínica é fundamental para compreender uma distinção econômica e social das pessoas da cidade do Rio de Janeiro, existindo uma clínica em separado para tratar pessoas que podiam pagar das outras que existiam na cidade. Não me aprofundarei a respeito desse debate, no entanto pontuo como um desdobramento que poderá ser pensado em um outro momento. Desta maneira, nas palavras de Paolo Grossi, “o jurídico está imerso no social, mas tem também o dever – de igual intensidade – de reconstruir aquele jurídico na

<sup>14</sup> *Jornal Correio da Manhã* (RJ), edição 22626, 7 de janeiro de 1967, p. 7. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_07/78764](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/78764). Acesso em: 23 de Setembro de 2020.

sua especificidade.”<sup>15</sup> Em diálogo, aponto Michel Foucault, quando o mesmo sinaliza que:

(...) o desenvolvimento da produção, o aumento das riquezas, uma valorização jurídica e moral maior das relações de propriedade, métodos de vigilância mais rigorosos, um policiamento mais estreito da população, técnicas mais bem ajustadas de descoberta, de captura, de informação: o deslocamento das práticas ilegais é correlato de uma extensão e de um afinamento das práticas punitivas.<sup>16</sup>

Nesse ponto, reflito a respeito da internação de Marquesa em uma instituição psiquiátrica privada de modo que, me é possibilitado perceber a partir dos autores citados acima uma espécie de campo jurídico ao entorno do corpo visto como “anormal” em determinados espaços de cuidado com a saúde mental. Para Grossi, o jurídico está imerso no social, tem o mesmo o dever de reconstruí-lo em sua especificidade, no caso aqui destaco a especificidade de um campo jurídico que institucionaliza um comportamento entendido como louco a partir de um processo de vigia e punição que dialogam com uma noção classista de tratamento psiquiátrico.

Assim, Marquesa segue falando sobre suas lembranças a respeito do ocorrido. De acordo com sua memória, conta sobre sua internação:

Mãe de Marquesa: Olha, vão fazer um exame, não sei o que...

Eu vi aqueles enfermeiros dentro de casa... Assim oh, eu disse:

Marquesa: O que que isso?

Mãe de Marquesa: Você vai de ambulância.

Eu disse:

Marquesa: Eu preciso de Ambulância?

Marquesa: Fui na ambulância, chegando lá, me sentei na enfermaria e fiquei esperando, e nada... Eu fiquei uma hora assim esperando, sentado e nada. Ai eu cheguei pra um enfermeiro e perguntei:

De acordo com a Memória de Marquesa

Marquesa: Quando é que vai ser meu exame? Que vão fazer o encefalograma.

Enfermeiro: Você tá internado.

Eu disse:

Marquesa: O que? Internado? Ai eu quero falar com a minha mãe.

Enfermeiro: Não pode.

Ai eu chorei, chorei. Ai (risos) Aquela coisa que Deus escreve certo por linhas tortas, me vira assim o enfermeiro.

Enfermeiro: Você conhece o Alfredo Magalhães de Von-Bertrand?

Eu disse:

15 GROSSI, Paolo. *História da propriedade & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Renovar, 2006, p. 25.

16 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. 42. Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014, p. 77-79.

Marquesa: Conheço.

Brigitte de Búzios o nome dela, ele disse:

Enfermeiro: Pois é, ela teve aqui uma época e eu tomei conta dele

Marquesa: Pois é, então vai tomar conta de mim.

Neste momento, acho interessante perceber como o potencial da amizade possibilitou para Marquesa um conforto em meio a um dos momentos que talvez tenha sido, um dos mais desesperadores e angustiantes da sua vida, impactando diretamente em sua forma de se perceber, sendo obviamente um impacto direto na constituição de sua subjetividade. Assim como a imprensa retrata sua condição, como “anormal”, mesmo que tenha sido para uma simples divulgação de uma boate, isso de certo modo impactou o pensar o si dessa geração de travestis/transformistas da cidade do Rio de Janeiro.

Nas falas de Brigitte de Búzios que irei expor a seguir fica bem nítido como esse discurso ao entorno de uma espécie de “anormalidade” e “loucura” impactam essa geração.

### **Brigitte de Búzios**



Figura 3 – Brigitte de Búzios 1965  
*Revista Manchete* (RJ), edição 0670 (2)

Brigitte de Búzios, assim como Marquesa, também é uma das protagonistas do filme documentário *Divinas Divas* e, também ex-paciente do Sanatório Botafogo. Brigitte

17 *Revista Manchete* (RJ), edição 0670 (2), 1965, p. 56. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/61630>. Acesso em: 06 de Setembro de 2020.

nasceu em 8 de fevereiro de 1944, tendo sido internada ao 14 anos de idade por seu comportamento que se aproximava muito mais de um universo entendido como “feminino” do que “masculino”. Desta forma, Brigitte destaca em sua memória como os médicos atestavam tal comportamento no período em que ficou internada:

Brigitte de Búzios: Ah, os médicos naquela época atestavam como louca. Eu era a louca né... Naquela época, eu cheguei a fazer até, como é? Sonoterapia, insulina... Tudo aquilo que o Paulo Coelho diz que fez, todo mundo fez. Mas era bom, porque fazia o tratamento e ficava deitada a base da calmantes, entende? Engordava, o perigo era esse, a gente engordava, mas ficava lá, fazia aquelas aulas, conversava com o médico. Não mudou em nada minha cabeça.

De acordo com a memória de Brigitte, ela era vista como louca pelos próprios médicos, passando por diversos tratamentos de “cura”, entre esses ela destaca a sonoterapia e a insulino terapia, entre aulas e conversas com os médicos.

Assim, destaco um trecho do livro *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* em que o historiador James Green cita alguns métodos utilizados para o tratamento da homossexualidade a partir do final da década de 1930 e que Brigitte relata que passou em seu período internada no Sanatório Botafogo. No caso dela, a insulino terapia. O comportamento homossexual era visto em dado período por muitas/os como “anormal”, sendo passivo de “cura” através de tratamento psiquiátrico. Assim, para Green, os médicos:

(...) começaram a utilizar ‘convulsoterapia’ e injeções de insulina para ‘curar’ o que consideravam um comportamento esquizofrênico. A convulsoterapia consistia em injetar o medicamento cardiazol em um paciente em quantidades cada vez maiores para provocar ataques epiléticos. A ‘insulino terapia’ por sua vez era destinada a causar choque hipoglicêmico, levando o paciente ao coma. Essa técnica foi usada para tratar a esquizofrenia e a paralisia geral.<sup>18</sup>

Em um outro momento, Green descreve que:

A terapia de insulina e eletrochoque era usada em pacientes homossexuais até mesmo quando não havia sinal de comportamento esquizofrênico, e a intenção parecia antes ser disciplinar do que de curar.<sup>19</sup>

Seguindo, em um outro momento, Leandra Leal<sup>20</sup>, que está entrevistando Brigitte a questiona Brigitte a respeito do que ela expressava para chegar ao ponto de um internamento aos 14 anos de idade, assim, a entrevista segue:

Leandra Leal: Com catorze anos o que que você expressava para te internarem?

Brigitte de Búzios: Eu já queria ser o que eu sou.

18 GREEN, James. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no século XX*; tradução Cristiana Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 229-230.

19 *Ibidem*, p. 232.

20 Uma famosa atriz brasileira, diretora do documentário *Divinas Divas* e herdeira do Teatro Rival, local onde é contada a história dessas oito artistas travestis e um local de grande importância para uma dada subcultura homossexual e travesti nas décadas de 1970 e 1970.

Leandra Leal: Que é?

Brigitte de Búzios: Eu não sei o que eu sou. Não sei me definir, mas... Entende?

Leandra Leal: Você tinha o desejo assim de ser mulher?

Brigitte de Búzios: Não... Não era ser mulher... Não... Talvez... Eu me lembro de um dia na escola:

**De acordo com a memória de Brigitte, segue um diálogo entre ela e a professora:**

Professora: Aí o que você quer ser?

Brigitte de Búzios: Eu quero me casar, ter filhos e cuidar da casa. E ser dona de casa.

Brigitte: A professora levou um choque, né? No Liceu francês. Aí a gente, falava as coisas, entende? Depois é que a gente aprende a se controlar, não pode falar tudo o que pensa, aquilo que quer, né? A gente tem que ser piano, né? aos poucos a gente aprende. E com a insulina, com a sonoterapia aprendi a abaixar ao tom e concordar com a sociedade, por que a gente não pode ser contra a sociedade se não a gente vira o que? Um animal, em extinção?

Logo, através da fala de Brigitte, é criada a possibilidade de visualizar sua percepção a respeito de seu comportamento. Ela enfatiza ter causado um grande estranhamento e choque em sua professora do liceu francês. Em seguida, deixa evidente em sua fala que ela chegou a utilizar insulina em seu tratamento para ficar mais “piana”, segundo ela. Entendo essa referência como sendo a insulinoterapia, tratamento psiquiátrico realizado no período em que esteve internada. Outro tratamento evidenciado foi o de sonoterapia, esse um tratamento utilizado para induzir o sono do paciente por alguns dias ou até semanas, ou seja, a/o paciente ficava dopada/do.

Desta forma, Brigitte diz que aprendeu a abaixar o tom e a concordar com a sociedade, por que ela não podia discordar da sociedade. A mesma questiona e responde sua pergunta com outra indagação. Seu segundo questionamento vai no sentido de que as pessoas que discordam da sociedade estariam fadadas a virarem um animal em extinção. Em sua fala, nota-se a percepção da mesma a respeito das personas que não se enquadram a um modelo de sociedade, ela referisse a essas como passíveis de correção, sendo em seu caso a utilização de tratamentos psiquiátricos no Sanatório Botafogo, assim como Marquesa, comparando quem discorda com a sociedade a animais em extinção, como se quem saísse do padrão não pudesse existir ou nem mesmo coexistir com um “comportamento aceitável” da sociedade.

**Em um outro momento, Brigitte comenta a respeito de Marquesa:**

Brigitte de Búzios: Mas é preferível ser um travesti, uma mulher velha, do que ser um coisa indefinido. A Marquesa teve a opção, voltou, ela tava vivendo de mulher. A mãe dela não aceitava, né? Cada um tem uma cabeça, né? Já minha família, não sei se era todo mundo era meio despirocado, mas não ligavam não.

Nesse comentário, fica explícito o que Brigitte pensa/pensava a respeito das pessoas

que fogem a certa norma da sociedade, sendo preferível reforçar certos estereótipos de gênero vivendo como travesti, ou até mesmo como uma mulher velha do que se apresentar como alguém indefinido que se situa entre extremos. Segue sua fala e comenta que a Marquesa teve a opção de voltar a viver como transformista ao invés de viver como travesti, voltando a viver com roupas masculinas durante o dia e se transformando apenas no período da noite para fazer espetáculos. Marquesa, na opinião de Brigitte poderia ser vista como uma coisa indefinida que não se situa na ponta de um universo masculino, nem de outro feminino, mesmo que esse seja o universo feminino travesti. Ela contínua, questionando que a mãe dela não aceitava e que cada um tinha sua própria cabeça, no ponto de que ambas percebiam suas questões e constituíam suas subjetividades de formas diferentes, mesmo que tenham convivido e vivido e passado pelos mesmos ambientes. Assim, é possível perceber a autopercepção que ambas tinham de si para consigo mesmo. Ambas circularam pelo bairro de Copacabana no mesmo período, ambas realizaram espetáculos em teatros e boates, inclusive nos mesmos espetáculos e ambas passaram pelo Sanatório Botafogo, no entanto ambas se percebem de formas diferentes e constroem suas subjetividades de maneiras distintas. Seguindo a fala e linha de raciocínio de Brigitte, ela diz que não sabia se todo mundo da família dela era meio despirocado, dizendo que eles não ligavam para seu estilo de vida e que a mãe da Marquesa não aceitava sua condição quanto travesti. Reflito a respeito de uma contradição na fala de Brigitte, quando ela diz que sua família não ligava para sua situação quanto travesti, sendo essa a mesma que a internou quando tinha 14 anos de idade. Obviamente não descarto a possibilidade de a família ter aceitado sua condição posteriormente ao seu internamento, porém a internação evidencia que em um primeiro momento não aceitaram seu comportamento, achando necessário realizar um tratamento psiquiátrico em um até então garoto de 14 anos de idade que desempenhava uma performance que estaria ligada a um universo entendido como não masculino para um rapaz daquela idade naquele momento.

Já, Marquesa, diferente de Brigitte conta sua versão a respeito dessa história dela ter “voltado atrás” como disse Brigitte, quando a mesma faz referência ao fato de Marquesa ter deixado de viver de travesti e ter voltado a se travestir somente a noite para shows em boates e teatros. De acordo com as lembranças de Marquesa, ela narra um diálogo entre ela e sua mãe.

Marquesa: Ai eu cheguei pra minha mãe e disse, você fez isso, minha irmã e tudo mais, tá certo. Mas não faz mais isso porque o que eu sou eu sou mamãe.

#### **E Marquesa segue dizendo em suas lembranças:**

Ai ela chorou, chorou... Foi por isso que eu cheguei e disse: bom, eu vou continuar sendo quem eu sou, mas sem ferir ela, sem machuca-la. E foi assim que eu vivi, até o final. Pouco antes dela morrer, meu amigo Augusto tava do lado. Ela virou pra mim assim e disse, você vai me desculpar de um dia eu ter te internado em um sanatório? Eu disse:

Marquesa: Meu Deus, você ainda lembra disso mamãe? Ai que besteira isso...  
Passou.

Através dos relatos expostos acima, Marquesa conta o porquê de ter decidido talvez voltar a não viver de travesti 24 horas por dia, pelo fato de não querer ferir nem machucar sua mãe. Nesse ponto que destaco o que poderia ser entendido como uma distopia travesti de Marquesa, em uma tentativa de se enquadrar dentro de um modelo ao qual oprimiu ao ponto da mesma se perceber como uma pessoa que machuca seus próximos e familiares ao ponto de preferir deixar de ser para não machucar sua mãe, visto que para Marquesa ver sua mãe sofrer causava determinado tipo de sofrimento a ela mesma. Assim, é possível compreender um dos motivos que talvez tenham levado Marquesa a se travestir somente para shows. Aponto que a repressão promovida pelos jornais, referindo-se a ela como anormal e o próprio internamento no Sanatório Botafogo tenham também afetado sua percepção de si para consigo mesma, contribuindo na constituição de sua subjetividade.

Para concluir, volto a apontar que trabalhar com as noções de subjetividade, anormalidade e psiquiatria sejam de grande importância para compreender algumas noções que cercam a primeira geração de travestis da cidade do Rio de Janeiro. Seja no que possa-se perceber noções de realizações de sonhos, autopercepções, autoconstruções e autoinvestimento de si mesmo quanto sujeita travesti. Como exemplo do caso Marquesa, que dentro de uma realidade própria quanto travesti rompe com suas utopias em seu processo de constituição subjetiva. Tanto Brigitte de Búzios, quanto Marquesa investiram em suas ideias e sonhos, não sendo muitas vezes uma caminhada fácil, existindo risos, desejos, lutas, choros, tristezas, utopias e também distopias em suas constituições a partir de muitos processos que subjetivam as percepções de si para consigo mesmas.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 42. Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

GREEN, James. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no século XX*; tradução Cristiana Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_; PALITO, Ronald. *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro; José Olympio, 2006

GROSSI, Paolo. *História da propriedade & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Renovar, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Homofobia: Identificar e prevenir*. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

LOPES, Fábio Henrique: *Travestilidades e ditadura civil-militar.: Apontamentos de uma pesquisa*. *Revista Esboços*, v. 23, n. 35, p. 145-167, set. 2016.

\_\_\_\_\_. *Subjetividades travestis no Rio de Janeiro, início da década de 1960*. Aloma Divina.



## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**DENISE PEREIRA-** Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG), Especialista em História, Arte e Cultura, (UEPG), Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento (CENSUPEG); Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão e Tutoria EAD (FABRAS); Especialista em Gestão Educacional (IBRA), Graduada em História (UEPG) e Graduada em Pedagogia (IBRA). Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da UEPG, Professora Orientadora de TCC da UFRN, Coordenadora Geral Acadêmica da FASU.

**KAREN FERNANDA BORTOLOTI-** Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (2012), Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (2005), Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Estadual Paulista (2002). Atualmente é pesquisadora vinculada a Universidade Federal do Paraná.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acervos 27, 29, 30, 34, 36, 37

Anormalidade 201, 202, 204, 205, 210, 214

### B

Bibliotecas Particulares 177

### C

Casamento ucraniano 114, 120, 124, 129, 130, 131

Centro de documentação 27, 29, 30, 35, 37, 134, 177

Consciência histórica 64, 65, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 82, 87, 92, 93, 97, 98

Crônica 155, 156, 159, 162, 163, 164, 167, 175

Cultura 5, 7, 10, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 26, 40, 51, 55, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 76, 77, 82, 84, 85, 87, 89, 93, 98, 101, 102, 104, 111, 114, 115, 117, 118, 121, 123, 127, 131, 136, 139, 145, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 199, 201, 216

Cultura popular 17, 26, 89, 155, 156, 157, 158, 167

Currículo 1, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 48, 59, 70, 71, 83, 85, 86, 97

### D

Decolonialidade 65, 77

Direito 3, 6, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 78, 85, 123, 135, 187, 193

Disciplinas escolares 14, 15, 16, 17, 18, 23, 25, 26

Ditadura civil militar 20, 23, 80, 81, 82, 83, 90, 92, 93, 94, 95, 96

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 44, 47, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 113, 161, 206, 216

Educação básica 1, 6, 8, 10, 12, 61, 64, 80, 81, 82, 92, 93, 94, 97

Educação para relações étnico-raciais 65

Emigração 114

Ensino de história 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 64, 65, 70, 72, 78, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 89, 93, 97, 98, 112, 131

Escola do Recife 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52

## H

História 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 45, 48, 50, 51, 52, 55, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 115, 131, 133, 134, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 176, 178, 179, 185, 188, 189, 192, 193, 195, 196, 199, 201, 202, 209, 211, 213, 214, 215, 216

História difícil 80, 81, 83, 87, 92, 94, 95, 97

Historiadores 22, 27, 34, 36, 37, 40, 89, 91, 145, 146, 147, 151, 153

História local 7, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 140, 143, 144

História oral 114, 115, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Historiografia alagoana 145, 149, 150, 151, 153

## J

Jota efegê 155, 156, 157, 158, 162, 163, 164, 165

## L

Locais de memória 99

## M

Marcas-de-água 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 196, 198

Memória 9, 26, 29, 36, 52, 72, 74, 75, 90, 99, 102, 112, 140, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 158, 161, 162, 164, 165, 167, 205, 206, 209, 211, 212

Música 31, 33, 126, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 203

## P

Passado 13, 14, 15, 16, 19, 24, 25, 28, 36, 72, 73, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 102, 107, 110, 114, 116, 139, 144, 146, 147, 148, 155, 157, 164, 165, 213

Pesquisa 12, 14, 15, 16, 17, 20, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 35, 37, 41, 43, 44, 53, 57, 60, 61, 66, 70, 71, 79, 86, 87, 92, 96, 97, 100, 101, 104, 115, 134, 137, 138, 142, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 161, 163, 166, 178, 201, 208, 214

Pessoa com deficiência visual 53, 55, 59

Piauí 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50

Políticas públicas 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 148, 153

Preservação de documentos 177

Professores 1, 2, 4, 5, 6, 7, 10, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 47, 50, 59, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 104, 134

## **R**

Rituais 67, 77, 114, 115, 120, 122, 130, 131

## **S**

Santos 12, 13, 14, 31, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 77, 78, 80, 81, 82, 89, 90, 91, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 131, 143, 150, 152, 154, 174, 200

Subjetividades 24, 73, 153, 201, 202, 213, 214

## **T**

Tecnologias assistivas 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62

Travestis 201, 202, 206, 210, 211, 214

Turismo pedagógico 99



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021